



## Tudo ou nada (*The Full Monty*)<sup>♦</sup>

[https://www.imdb.com/title/tt0119164/?ref=nm\\_sr\\_1](https://www.imdb.com/title/tt0119164/?ref=nm_sr_1)

Marcus André Vieira

### Referência

Vieira, M. A. Ou tudo ou nada. In *A cidade com Lacan – Cinema e literatura: O feminino, seus corpos e mundos*. Belo Horizonte: EBP, 2018.

[Capa e índice](#)

### Resumo

Resenha do filme “Ou tudo ou nada” de Peter Cattaneo em articulação com o tema do falocentrismo.

### Cor de rosa e jeitinho

Assisti a esse filme por ocasião de seu lançamento. Quando me foi sugerido, pensei, com a lembrança que tinha, que seria um bom gancho para conversarmos sobre o tema do Encontro Brasileiro de nossa comunidade, a *Escola Brasileira de Psicanálise*, no final do ano, “A queda do falocentrismo”.<sup>1</sup>

Revedo agora, achei um pouco datado. O mundo parece hoje mais corrido, bem mais violento. Apesar de ser retratado o cotidiano de operários desempregados de uma metalurgia na Irlanda, gente rude, tudo parece um pouco cor-de-rosa quando comparado com o que vivemos, em tempos, por exemplo de retorno dos nacionalismos e fascismos, ou com a transformação generalizada dos sujeitos em consumidores desenfreados. Reparem, inclusive, como as cenas de interiores são todas coloridas, em contraste com o cinza geral das ruas.

Apesar disso, acho que deu para nos transportarmos para aquele mundo e ainda o achar um pouco nosso. Se vocês conseguiram se identificar um pouco com os personagens,

---

<sup>♦</sup> Comentário após projeção no Cinema Humberto Mauro, Palácio das Artes, Belo Horizonte, em atividade da Seção Minas da *Escola Brasileira de Psicanálise* coordenada por Rachel Botrel e Anamáris Pinto, em 01 de julho de 2018 (cf. <http://ebp.org.br/mg/event/mostra-permanente-de-cinema-e-psicanalise-4/2018-07-01>.)

<sup>1</sup> Encontro Brasileiro de Psicanálise: *A queda do falocentrismo: consequências para a Psicanálise*. 23, 24 e 25 de novembro de 2018, no Convenções Windsor Barra, na cidade do Rio de Janeiro.

com as histórias; se vocês conseguiram rir um pouco, é porque aquilo ainda tem validade.

O problema desse cor-de-rosa, do “fofo”, não é por ser datado, já passado, mas sim quando sustenta a crença de que as coisas podem voltar a dar certo, basta termos um pouco mais de ousadia, amor, sei lá. É um prazer, nem que seja por um momento, acreditar nisso e o filme nos leva um pouco para lá, mas dificulta minha tarefa. Não porque quero dizer que nada vai dar certo, mas que o “dar certo” nunca é do jeito que se espera. O psicanalista trabalha com coisas que dão errado, só que em vez de consertar, a ideia é bem mais fazer rodar a vida de outra maneira, sem, porém, necessariamente corrigir o que é torto ou desconstruído.

O psicanalista poderia ser chamado quando os protagonistas estavam naquele momento depressivo, no início do filme. Basicamente, os personagens masculinos estão desvirilizados, sem emprego, sem horizontes, fábrica fechada. É a hora em que alguém normalmente procura um *psi* para falar “não está dando”. Só que nós não proporíamos que com um pouco de criatividade e jogo de cintura, dá para fazer tudo voltar ao normal. A psicanálise se apresenta quando não há como “dar certo” da maneira prevista para encontrar outra maneira de fazer, criando outro lugar no mundo para o analisante, o que faz com que aquilo que era um grande problema, mesmo não necessariamente resolvido, deixa de ser problema. Uma análise não muda tanto assim a pessoa para ela se adaptar melhor no mundo, muitas vezes muda o mundo dela para adaptar-se ao que nela não muda.

Ainda bem que nesse filme é possível ver outra coisa que não só isso, no estilo *try harder*, tente mais, tente de novo, não desista, essas coisas. Temos que fazer algumas adaptações, mas consigo achar nesse filme o que nos interessa. Podemos ver como nele, por exemplo, eles recuperaram alguma coisa da virilidade, mas de um jeito meio de lado. Eles não recuperaram o emprego, por exemplo. Nem foram reforçar seus pontos fracos. Não foram oferecer um espetáculo de machos, um campeonato de futebol, por exemplo, mas ao contrário, um show de *strip-tease*, o que era, para eles, exatamente o cúmulo de feminilização. Recuperaram um lugar fálico, pelo avesso.

Eles “deram um jeitinho” e a psicanálise talvez seja exatamente isso, um trabalho de jeitinho, porque se fosse para resolver o problema conseguindo recuperar a identidade que se perdeu, ou conseguindo ganhar mais, se fosse possível, já teria sido feito. Não seria preciso buscar um *psi*. Todos os amigos e toda a família já devem ter falado, *don't give up, just be yourself* ou coisa assim. Não, o principal para o psicanalista é procurar acompanhar os jeitinhos que vão sendo dados.

Minha primeira proposta seria essa, a de que possamos conversar sobre a psicanálise como um sistema para encontrar um jeitinho para fazer a vida andar, mesmo quando o caminho da vida não anda mais.

Há dois pontos além desse dos quais gostaria de falar que chamam a atenção no filme. O primeiro, diria assim: o que é o *trabalho* para alguém? O que é o trabalhador, o que é não ter trabalho? O segundo é sobre o *masculino*: o que um homem precisa para ser homem? Nos dois casos, o filme propõe uma definição, que precisa ser atualizada, claro, mas é essa atualização que nos ajuda a pensar e, espero, abordar o tema do nosso Encontro Brasileiro.

## Insígnias do masculino

Começo pelo segundo ponto: O que é essa masculinidade que parece perdida para esses homens, e por que consideramos que ela é tão importante assim? O que define um homem? Lembrando que “homem” aqui não se refere à biologia, ou anatomia, necessariamente, mas a uma identidade de gênero.

“Homem”, aqui, diz também dos que funcionam em uma congruência entre a anatomia e inscrição de si mesmo no gênero masculino, são que alguns chamam hoje *Cis*. *Cisgêneros* seriam aqueles que diriam: “tanto minha anatomia, quanto minha identidade e meu interesse estão orientados para o prazer com o outro lado do binário clássico, o lado feminino”. Se uso um termo como *cisgênero*, já estou indicando que não parto do paradigma naturalista, que toma o binário homem-mulher como a natureza humana mais fundamental, como se biologia, anatomia, identidade e sexualidade alinhadas todas devessem dizer a mesma coisa, ou melhor, duas e apenas duas: sou homem, ou sou mulher. Ao *cis*, um modo de entender e viver as identidades e sexualidades humanas cada vez mais presente na cultura opõe o termo *trans*. Os transgêneros não teriam as coisas tão arrumadas, as composições entre características de um gênero poderiam se combinar com outro e mesmo poderia haver gêneros que em sua composição não funcionam no registro binário, identidade, prazeres e desejos múltiplos, não apenas masculinos ou femininos.

Deste ponto de vista, o masculino é uma montagem. É essa possibilidade de leitura do filme que me interessa. Ele pode parecer dizer que um homem precisa de seu trabalho, precisa de sua função, do reconhecimento e do status de provedor, mas diz também que isso não é bem verdade, porque pode ser substituído por outra coisa, dançar, fazer *strip-tease*, por exemplo. Esse não é o ponto de vista *cis*, ou naturalista *hetero*, que parte da ideia de que o trabalho é uma característica essencial do masculino, remetendo por exemplo à caça e pesca ancestrais. No filme chega-se à ideia de que não é bem assim, que há muitos modos de ser masculino, que passa a se apresentar, assim, mais como uma composição ativamente desenhada do que um programa genético.

O filme traz um pouco essa ideia quando apresenta a possibilidade de eles trocarem de insígnias. As insígnias eram “eu sou trabalhador”, “eu ganho dinheiro”, “eu tenho minha oficina”, todas essas coisas masculinas das quais eles vão aos poucos rindo, “veado para cá”, “macho para lá”, etc. Se começa a ser ponto de riso é porque não é tão natural e sério assim.

Por isso, Freud vai propor que não é exatamente esse ou aquele atributo que define o masculino. Os atributos do masculino vão variar, de uns para outros, de uma cultura a outra, mas para ser homem é preciso ter, ou apresentar alguma coisa que seria – estou simplificando – no nosso jargão, o *falo*.

O termo se associa à representação do órgão, mas a significação do falo não precisa, segundo Freud, necessariamente ser sustentada pelo pênis. Existe uma espécie de naturalização da humanidade que diria: “aquele que nasce com o pênis tem naturalmente esse falo, tem alguma coisa que o torna especial, por isso ele tem direito a ser provedor”. Quem não tivesse esse pênis, a princípio, não teria o direito de ser poderoso, mas teria o prazer ou a possibilidade de ser provido. Isso é uma espécie de mito naturalista, que muita gente defende, especialmente aqueles que se apoiam na biologia ou na *Bíblia*.

Nesse sentido o filme é freudiano porque separa o falo do órgão; A prova é que David, o personagem que está impotente por estar desvirilizado, sem trabalho, perde o uso do órgão porque perde o falo e o recupera mesmo sem ter recuperado trabalho, aliás ele larga o trabalho para dançar. A gente que vê que é o falo que comanda o pênis e não o contrário.

### **Significação fálica**

Mas se o falo é a potência e ter o pênis não é necessariamente ter o falo, o que é o falo? Se o falo, no nosso sentido, não é necessariamente o pênis, o falo pode ser uma série de coisas. Quando a coisa ficava mais amarradinha era mais fácil.

No momento em que separamos o pênis do falo, fica difícil saber onde ele está. Por isso, Lacan distingue o falo imaginário do simbólico. O imaginário é a insígnia do poder. Muito dinheiro, carro do ano, rifle na mão, por aí.

Todas essas coisas sobre o homem são sobre o homem que se acredita; acredita que tem poder naturalmente adotado do falo, esse poder de prover, de ser, e que não precisa fazer nada, só ser – esse costuma ser ridículo. Acho que é isso que nos faz rir no filme: vemos que todas essas coisas duras que eles eram são colocadas à prova, e eles ganham nossa simpatia porque vamos aceitando. Forte é o Gerald, aquele que era o gerente, todo duro. Ele vai nos cativando porque vai perdendo essa crença de que ele é superior.

Não é preciso isso. Ser “strip-teases”, ser do grupo dos veadinhos, os faz serem mais homens porque conseguem rir da obrigatoriedade do masculino de ter as insígnias clássicas, do falo imaginário, digamos as de ser o potente provedor.

Por que a gente ri no filme? Porque ele apresenta o que Lacan chamou da “comédia do falo”. Essa ideia de que sou destinado pela natureza a ser o superior ou a ser o provedor – porque eu tenho pênis sou isso e aquilo – isso é apenas o resultado de um jogo coletivo. Porque todos acham que quem tem pênis tem naturalmente poder é que ele tem poder.

A violência do homem sobre a mulher é um absurdo porque os dois são capazes das mesmas coisas. Lutamos para isso e concordamos com isso, mas aquele que acredita, que acha que tem direito, fica ridículo quando se olha para o falo como alguma coisa que é uma insígnia, um fazer, é performático, não é exatamente alguma coisa: porque você tem, você é. O que você tem, você é, é aquele sujeito que toma cerveja e não faz mais nada. Isso é ridículo. Como é que sabemos que o homem pensa no futuro? É porque ele chega em casa com dois engradados de cerveja.

Mas então o que é o falo? Vejam David, que achei uma graça; ele só recupera sua potência sexual quando se expõe. Vejam o Gues, ele que organizava tudo, mostra ao final que orquestrava para não tocar, na hora “h” ia fugir da raia, como parece que sempre tinha feito na vida, mas dessa vez foi diferente, o filho dele lhe dá uma dura e ele acaba arriscando.

Parece que a mensagem seria “você é homem se tem a coragem de mostrar suas fragilidades”, suas fraquezas, é isso que te faz forte. Seria a coragem de ser fraco o falo nesse filme?

Talvez sim, mas o lado dito por Lacan simbólico, do falo é que ele marca o lugar do desejo. Em vez de pensar que a maior coragem é assumir que se tem medo, o que é só

uma inversão, melhor pensar que o falo não é a maior coragem, o que seria o imaginário do falo, mas sim, aquilo que assinala onde está o desejo, onde a banda toca. Se Gues não recua não é porque ele é corajoso, mas porque ali, naquele palco naquele show está seu desejo, recuar dali é morrer. Não era um emprego a mais perdido, era um espaço de desejo, então ele conseguiu cair dentro, o resto é secundário.

### **O falo e a diferença sexual**

Segundo Freud, homem é aquele que acredita ter o falo, uma crença física, bem concreta, que ele inclusive supõe ser obra da natureza, do fato de que ele tenha nascido com o falo. Ele não percebe que é todo um jogo de relações culturais que o atribuem o falo.

Estava vendo, numa dessas escolas em que fui chamado para discutir, que era assim: “todos os sexos, tudo igual, tudo certo, mas no futebol todos são misturados, mas o gol da menina vale 2 e o do homem vale 1”. Nesse jogo já se tem uma ideia de que a mulher precisa valer o dobro para se equiparar ao homem, e poderíamos dizer que esse é um raciocínio, como um raciocínio de cotas, tem que fazer justiça até tudo se equivaler. Pode ser que nessas escolas o raciocínio seja “ela é mais frágil”, só que esse acordo que o falo dos meninos vai valer mais, o chute deles vale mais e todos concordando com isso, eles são meninos.

A psicanálise é feita para outra coisa. Ela é feita para o “chegou, vamos encontrar o jeitinho”. Se começar com a ideia de que “Deus fez para ser masculino”, vai dar tudo errado, mesmo que eu queira ser muito bom como terapeuta, mesmo que eu não tenha preconceitos, vou sempre achar que você fugiu um pouquinho da sua natureza, se você resolveu não jogar o jogo daquele que tem falo.

Por exemplo, se começamos a achar que as mulheres têm instinto materno, nasceram biologicamente preparadas para serem mães e se alguma paciente chegar em análise e dizer: “mas eu não tenho nenhuma vontade de ser mãe”, eu como psicanalista vou dizer: “lá no fundo, você deve ter alguma coisa que está negando”, isso é muito pesado. Não é que a psicanálise tenha razão, “vai que as mulheres não tenham lá seus instintos e os homens também”, não é biologia, mas experimentem estar no lugar em que teoricamente, clinicamente, assumem que não vamos pensar na biologia.

Do ponto de vista da clínica psicanalítica, temos que pensar que se por acaso ele tivesse sido criado num outro jogo, outra escola, outros pais, o jogo dele pode ser não o que de quem tem o falo, mas de quem precisa dele. Isso dá um horizonte de liberdade muito bom. Às vezes é aquela mãe que vai encontrar alguém que não vai achar que ela tinha que ter instinto. Tem muito psicólogo excelente dizendo “você pode ser o que você quiser, mas nas minhas crenças, toda mulher tende a ser mãe”.

Além disso é preciso lembrar que o falo simbólico como assinalando onde está o desejo, vai fazer isso dividindo o mundo em dois, duas maneiras de estar no desejo. Uma como aquela que tem o prazer ao alcance da mão, e me desculpem o trocadilho, que tem acesso ao prazer, o dito masculino, e aquele que precisa passar por outro corpo, por outro, para acessar o prazer, o dito feminino.

O que conta para a masculinidade, é um jeito de ter relação com o falo, de estar no desejo, de buscar e encontrar o prazer. Isso pode acontecer com aquele que possui pênis

ou não. Que modo é esse? O que importa é que ele acredite que tenha o falo ao alcance da mão, que tenha acesso direto ao prazer.

Nada disso diz que um seja superior ao outro. Temos, de um lado, os provedores que têm o falo; do outro lado, aqueles que vão ter a liberdade de fazer uma série de coisas porque não têm que prover, garantir, mostrar insígnias e, por isso, não há superioridade na partilha, do ponto de vista freudiano, entre aqueles que têm o falo e aquele que não tem. Não ter o falo não é “não ter nada”. Não ter o falo é só não ter que provar que se está continuamente sustentado pelas suas insígnias. Isso dá certa liberdade, mas o problema todo é que, em nossa sociedade e outras, há uma acomodação, uma superposição dessa diferença e a diferença anatômica e os poderes sociais que vão ser delegados a essa diferença.

Uma coisa é dizer que na Antiguidade quem é aquele que mostra a insígnia e quem é aquele que não precisa mostrar têm poderes. Por exemplo, na cama, duvido que vocês vão achar que o homem tem mais poder do que a mulher. Naquela cama cheia de tesão, casal apaixonados, é difícil dizer que é o homem quem comanda.

Agora, quando pegamos isso e levamos para o social, “esse que tem pênis, esse tem direito de voto, quem não tem, não tem”. Aí sim, pegamos uma diferença sexual, quem diz necessariamente que um é melhor que o outro, joga no social, agora sim, um passa a ter direito de vida e morte sobre o outro, eventualmente numa sociedade, e aí os horrores que já conhecemos, na nossa sociedade, aqui do nosso lado.

O que estamos dizendo que do ponto de vista clínico para nós é mais uma dança entre dois, um jogo que se joga e que produz diferença do que é uma naturalidade da diferença, esse jogo que produz diferença, no nosso binarismo heterossexual, seria falo e não-falo.

Aquele que tem que mostrar sua insígnia para começar o jogo e aquele que tem que aceitar que não vai começar o jogo, mas na hora que o jogo começa, os dois vão dançar juntos, isso dá uma sensação de casamento, a fome com a vontade de comer, o côncavo e o convexo de Roberto Carlos. Isso é fogo, gostoso, porque acreditamos que as coisas dão certo, é um pouco como no filme. O David e a outra, ela só queria que ele tivesse menos vergonha; quando ele aceita que não tem vergonha eles são felizes para sempre, mas isso não é a nossa clínica, a nossa vida. Às vezes dá certo, às vezes nos apaixonamos, outras vezes encontramos a cara-metade, mas somos feitos de muitas coisas e isso dá sempre alguma confusão. Tem muito trabalho para encontrar por aí, tem que se reencontrar, se reinventar.

Do nosso ponto de vista, é uma dança aprendida, não natural, e que só funciona se todos aceitarem dançar. Esse jogo fálico define a surpreendente ideia de que há a fome com a vontade de comer, o côncavo e convexo, que os que têm, que não têm, são complementares.

### **O binarismo de hoje: falo, não-falo e o trabalho**

É um jogo que é fadado a dar mais ou menos certo, mas também mais ou menos errado. A recusa do binarismo de hoje, o tema geral da cultura que é “não há só esses dois sexos”, de que poderia haver muitos outros”, faz sentido para o psicanalista porque se levamos em conta o inconsciente, somos sempre muitos e apenas a identidade principal é que se define nessa binariedade.

Se precisamos atualizar o filme com relação à explosão de gêneros, é importante também uma atualização a partir do tema do trabalho. Estamos num mundo em que a densidade do trabalho está se destruindo. No momento atual do Brasil, está sendo completamente destruído e não é só o governo ilegítimo que temos que está fazendo isso. Desde Thatcher, há um movimento, um movimento mundial, não especificamente brasileiro. Esse movimento já estava mais ou menos no ar em 1997. O Thatcherismo estava só destruindo a ideia de “você vai ficar a vida inteira numa empresa, porque aquilo é uma identidade”, e o seu fazer de soldador, “é isso que vai dar a sua insígnia, isso que vai fazer de você, um homem respeitado”.

É alguma coisa que já foi destruído. Denet, por exemplo, demonstrou como essa corrosão da identidade, leva a uma corrosão do caráter. Você não é de um time ou de uma empresa, mas vende sua força de trabalho a quem for mais interessante a você, você é uma empresa um empreendedor de si mesmo. Vivemos num tempo em que a empresa não importa, “você vai trabalhar três anos ali e um ou dois anos em outra empresa, trabalha para quem pagar mais, e é até esperado para o executivo que mude o tempo todo, que tenha resiliência, criatividade, que mude de emprego a toda hora”. Não é mais trabalhador, é uma espécie de vendedor de si, itinerante. Isso é uma espécie de destruição do que é o chão da fábrica.

Vamos associar rapidamente essa corrosão da identidade tradicional com o capitalismo. Hoje, por exemplo, vivemos em um estranho mundo em que todos os operários estão na China, constroem tudo o que temos. É um mundo muito estranho em que os lugares, as raízes e as identidades agora são fluidas.

É uma forma de vida muito diferente. No filme isso já estava em germe. Por um lado não há mais identidade comunitária, por outro você está livre para se reinventar. Há vantagens e desvantagens. Eles perdem a identidade e conseguem se reinventar em outro lugar.

Só que, do ponto de vista do falo a coisa se complica. Se o falo é o que localiza e distribui o desejo em dois tipos fundamentais, masculino e feminino, e se agora tudo é líquido em constante mutação, o falo perde sua função. O desejo está em toda parte, tudo pode ser objeto de desejo, ou melhor, tudo pode ser objeto de gozo e tudo pode, então você tem que estar continuamente se reinventando e gozando.

É o mesmo que se apresenta no plano da identidade. Não é só, como neste filme, perder a identidade e se reinventar uma nova; é que talvez não haja mais a identidade de trabalhador, haja apenas trabalho.

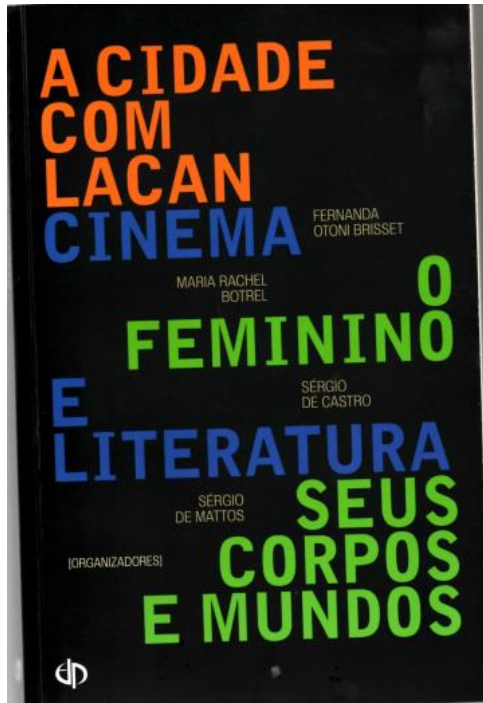
Neste sentido para concluir, vale muito o contraponto, não sei se vocês viram, com um filme que se chama *Arábia*, lançado em junho de 2018 (EUA), direção de João Dumans e Afonso Uchoa. Ele se passa numa fábrica de alumínio em Ouro Preto, Minas Gerais. É um filme genial sobre um jovem que encontra o diário de um trabalhador que sofreu um acidente e está em coma. Em seu diário acompanhamos sua vida passada de emprego em emprego. Não é que falte emprego, falta identidade, falta pertencimento.

Em “tudo ou nada”, na verdade, também não falta emprego, falta trabalho. Os protagonistas perdem o emprego que é o deles, um fazer específico que lhes dá sua identidade. Por isso recusam outros. É um preço que se paga, você vai perder sua identidade que lhe deu sua insígnia fálica, vai ter que se refazer, ou vai ficar no vazio. Desempregado.

No caso de *Arábia*, e de nossos dias é outra coisa: é um trabalho atrás do outro, nada dá estabilidade, sempre vai trabalhar muito e ganhar pouco, só pode vender a força de trabalho. Um filme lindo, triste, não vou dar *spoiler*. Mas uma piada que eles contam que dá muito esse clima de um trabalho infinito em inúmeros empregos sem que nenhum deles te dê a pacificação de ter uma identidade, que e o que a reforma trabalhista em curso pretende. É a seguinte: “os trabalhadores brasileiros precisavam fazer alguma coisa, em outro lugar. Eles pegam o avião e param no Saara, o servente de obra, o mestre de obra. Eles vão lá para fazer uma megaobra e quando chegam no Saara, olham para a areia e um fala com o outro: “quando começar a chegar os sacos de cimento, a coisa vai ser parada dura”.

Esse é o clima do trabalhador hoje, puxar saco de cimento, construir, e não parar de fazer isso. Não tem mais casa, cidade, lugar que diga para ele o que ele é como trabalhador, não tem mais insígnia fálica: “eu sei virar um cimento”, é muito confuso. *Arábia* é um filme triste. Ele traz a mensagem de como hoje somos muito chamados a não sermos mais masculinos, no sentido rígido de um “eu tenho, porque sim”. Nem mesmo no sentido do falo simbólico, do eu sei onde está meu desejo e de que jeito ele é. Podemos improvisar, mas por isso mesmo estamos condenados ao improviso. Qual o destino do masculino quando não há limite par ao improviso? Nosso país tende a flertar também com algumas formas do masculino nesses tempos que, em vez de tentar improvisar para si um novo lugar, prefere retroceder e obrigar a todos a compor com uma ordem masculina de ferro, que reedita o naturalismo antigo de modo autoritário e violento. Tomara que possamos fazer diferente.





© EBP-MG

PROJETO GRÁFICO  
Júlio Abreu + Leonora Weissmann / Jêto Design  
IMAGENS DO MIOLO  
p. 4, 11, 21, 27, 175 e 181  
Julia Panadés  
REVISÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA  
Luiz Morando

C568 A cidade com Lacan – Cinema e Literatura :  
o feminino, seus corpos e mundos / organizado  
por Fernanda Otoni Brisset. -- Belo Horizonte :  
EBP, 2018.  
ISBN 978-85-63061-12-6  
I. Psicanálise. 2. Cinema. 3. Literatura.  
I. Lacan, Jacques (1901-1981).  
II. Brisset, Fernanda Otoni. III. Título.  
CDU 159.964.2

EDIÇÕES DA EBP-MG

DIRETORA DE PUBLICAÇÃO  
Graciela Bessa  
Conselho editorial  
Fernanda Otoni Brisset  
Henri Kaufmanner  
Laura Rubião  
Lúcia Grossi dos Santos  
Luciôla Freitas de Macêdo  
Sérgio de Castro  
Sérgio Laia  
Ram Mandil

EBP-MG

R. Felipe dos Santos, 588  
Lourdes – CEP 30180-160  
Belo Horizonte / MG  
(31) 3292 5776  
ebp@mg.terra.com.br

## SUMÁRIO

9 [Isto não é um poema...] – Julia Panadés

### ESTADO DA ARTE 13

15 Nas costuras da cidade – Fernanda Otoni Brisset

### 1. CINEMA E PSICANÁLISE, NA CIDADE 23

25 A psicanálise lacaniana vai ao cinema – Rachel Botrel e Anamaris Pinto

29 *A repulsa ao sexo / Repulsion* – Lúcia Grossi

39 *Elle*, de Paul Verhoeven – Cristina Vidigal

53 *Infinite Highway* – Henri Kaufmanner

61 *Blue Jasmine* ou a tristeza cômica – Antônio Teixeira

73 *O casamento de Rachel* – Lilany Pacheco

81 Vamos falar sobre Eva – Cristiana Cardoso Pittella

89 *Gêmeas: móbido semelhança* – Antônio Beneti

95 *O nome dela é Sabine* – Elisa Alvarenga

101 *Não intemo agora* – Simone Souto

111 *Doze homens e uma sentença* – Sérgio de Castro

117 *Ou tudo ou nada* – Marcus André Vieira

141 Jean Renoir ou bailando sobre um vulcão – Márcia Rosa

141 *Europa 51* – Cristiane Barreto

151 *35 rubins: o pai e a impermanência* – Sérgio de Mattos

161 Ainda morremos em Veneza – Yolanda Vilela

### 2. LACAN NA ACADEMIA CONVERSANDO COM LITERATURA 169

171 A origem do mundo – Fernanda Otoni Brisset

177 O demônio do feminino em *Grande Sertão: Veredas* – Antônio Teixeira

195 Os 90 anos do Manifesto Antropóforo e o transmatricado de Pindorama – Beatriz Azevedo

207 Oswald com Lacan – Sérgio de Castro

215 Clarice Lispector e as palavras sem memória – Márcia Rosa

223 As mulheres em *Beco de Ouro*, de Nelson Rodrigues – Ione de Medeiros

231 Existimos: a que será que se destina? – Cristiane Barreto

244 A Psicanálise entre redes e nós – Marcelo Veras